

Tapyra'yawara: A Ecomusicologia de uma Dança Dramática do Rio Maués-açu

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: ETNOMUSICOLOGIA

Karine Aguiar de Sousa Saunier

Com a colaboração de Mestre Daio, Mestre Ercílio e Cleumir Leda

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – karineassaunier@gmail.com

Resumo. A Tapyra'yawara é uma antiga figura mítica amazônica e deu origem à Dança da Tapiraiuara, uma dança dramática criada na comunidade de Santa Maria do Maués-açu zona rural do município de Maués, estado do Amazonas. Diante dos muitos entrelaçamentos desta manifestação com questões ecológicas, este estudo se propõe a realizar uma ecomusicologia a partir do estudo das relações entre música, cultura e ambiente observados nesta manifestação. A proposta metodológica se fundamenta na pesquisa-ação colaborativa, envolvendo a comunidade pesquisada como sujeito ativo na produção do conhecimento.

Palavras-chave. Tapiraiuara. Dança Dramática. Maués. Ecomusicologia

Tapyra'yawara. An Ecomusicology of a Dramatic Dance from the Maués-açu River

Abstract. Tapyra'yawara is an ancient Amazonian mythical figure who gives name to the Dança da Tapiraiuara, a dramatic dance created in the community of Santa Maria do Maués-açu, a country side village in the municipality of Maués, state of Amazonas. Given the many intertwinings of this manifestation with ecological issues, this study proposes to carry out an ecomusicology based on the study of the relationships between music, culture and environment observed in this cultural manifestation. The methodological proposal is based on collaborative action research, involving the researched community as an active subject in the production of knowledge.

Keywords. Tapyrayawara. Ecomusicology. Maués. Amazonas

1. Introdução

A *Tapyra'yawara* é um ser encantado descrito desde tempos imemoriais nas cosmologias de povos originários da Panamazônia. O nome é oriundo da soma de duas palavras em Tupi: o prefixo “*tapir*” tem significado equivalente a anta e “*-iauara*”, o equivalente a onça. É retratada como uma espécie de “onça d’água” ou onça anfíbia que habita próximo aos charcos, lagos, aningais e igarapés. No Dicionário do Folclore Brasileiro (GLOBAL, 2012) Câmara Cascudo apresenta o verbete *Tapiraiuara* com as variantes *Tapioara* para descrever um “animal fabuloso para os mariscadores do Rio Madeira e afluentes do Amazonas”; e *Tapira-oiara* abreviada em *Tapiora*. Na referida obra, ele menciona que até a primeira década do século XX:

não existia a Tapiora ou Tapioara mas a “Tapyira-Iauára, anta-cachorro, anta-onça, que aparece aos caçadores que violam as leis de caça matando as fêmeas grávidas.

Contam que é uma onça com cabeça de anta, que quando o caçador confiante, porque a vê descuidada deixá-lo se aproximar, pensa podê-la flechar a salvo, se levanta e mostra o que é, investindo, mal dando-lhe tempo na mor parte dos casos, a fugir sem olhar para trás” (Vocabulário, 665). É um desdobramento e ampliação do mito, custódia de caça para pesca, sempre no plano da repressão dos excessos. (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 676)

Em *Cuentos y leyendas de America Latina* (OCÉANO, 2006) de Maria Acosta e Sérgio Álvarez, encontramos menção ao termo *tapira* no conto Dessana *El rugido de Tapira*. Neste conto reafirmam-se características presentes nas descrições em Câmara Cascudo (2012): uma entidade que protege as florestas contra o excesso e a ganância na utilização de recursos naturais. No conto Dessana a *tapira* é tida como uma entidade que governa a selva e protege as frutas, sua principal fonte de alimento.



Figura 1. Representação da Tapiraiaçuara na concepção do artista Adeilso Oliveira Souza, Mestre de Cultura Popular da comunidade de Santa Maria do Maués-açu.

Entre os Sateré-Mawé que habitam os municípios de Parintins, Barreirinha e Maués, no estado do Amazonas, a *tapyra'yawara* (espírito das onças) é mencionada como um dos seis espíritos que protegem a Mãe-Terra (YAMÃ, 2019, p. 32). Considerada como entidade sagrada, a *tapyra'yawara* está associada aos valores éticos que conduzem a relação entre seres humanos, não-humanos e o ambiente. Porque habita os limites da floresta é uma das entidades (ou espíritos) responsáveis por sua proteção. Segundo as leis de Tupana, o Criador para o povo Sateré, homens, animais e ambiente deverão existir em uma relação de

cuidado mútuo e, é papel das entidades e espíritos da floresta como a *tapyra'yawara*, “fiscalizar” essa relação de cuidado.

Na primeira década do século XXI esta antiga figura mítica amazônica deu origem à Dança da Tapiraiauara, um folguedo junino criado na comunidade de Santa Maria do Maués-açu, localizada à margem direita do Rio Maués-açu, a aproximadamente 60 km da sede do município de Maués (AM) por meio fluvial. Em sua tese de doutorado Cristian Pio Ávila (2016) faz uma breve menção a este folguedo compreendendo-o como

[...] uma espécie de dança dramática, criada na comunidade de Santa Maria do Maués-Açu, que representa a lenda de um animal fantástico, meio onça, meio anta, que ataca os pescadores que tem por hábito a pesca predatória. Junto da tapiraiauara (que se movimenta com dois “miolos” dentro dela) dançam jovens caracterizados como visagens (fantasmas) e macacos. (ÁVILA, 2016, p. 355)

Conforme relata Adeilson Oliveira Souza ou “Mestre Daio” – liderança principal desta manifestação cultural da comunidade de Santa Maria – já se fazia ali uma brincadeira com a figura da Tapiraiauara, mas, em formato diferente do que é feito hoje. Formato este que foi recriado por Mestre Daio em parceria com outros mestres da comunidade que atuam nesta manifestação enquanto músicos.

Bom, a Tapiraiauara, né, realmente num foi eu que inventei, né? A criação da Tapiraiauara surgiu de duas pessoa, que uma é o Adilson e outro é o Antônio Rodrigues que eles chama de “Livramento”... que eles fizeram a Tapiraiauara, só que eles fizeram, num era “anssim” e aí, de lá pra cá eu fiz só aprimorar, né? Eu gostei da brincadeira e eles passaram vários anos sem botar a Tapiraiauara aqui na vila mas, surgiu aqui na comunidade mesmo... Aí, passou uns anos que eles num botaram e eu gostei da brincadeira e de lá pra cá eu vim aprimorando, aprimorando e também assim, outras pessoas me falaram que a Tapiraiauara ‘tapir’ é anta e ‘iauara’ é onça... Aí, de lá eu vim aprimorando fazendo a cabeça assim, com aquelas pinta de onça e o corpo de anta, né? Não igualmente como é, mas...

Aí, já peguei o Ercílio, que é o cantor, e o papai que eu nem sabia se ele tocava banjo, né?

Num sabia não. Aí, depois disso que, como eu fiz umas música pro Ercílio aí o Ercílio também já fez outras música e de lá reuniu o papai, né? A gente comecemos a ensaiar a música, e cantar e depois já foi aprimorando ela e foi fazendo d’outro jeito e agora já tá evoluindo, né? Que agora já tá mais avançado e é isso aí. Mas, inclusive, num foi eu que inventei... foi o Adilson e o Livramento...

2. A Ecomusicologia de uma dança dramática amazônica

Diante dos muitos entrelaçamentos deste folguedo com questões ecológicas, optei por realizar uma ecocrítica sobre o seu fazer musical, apoiando-me na Ecomusicologia enquanto “junção de estudo críticos de música/som com estudos de ciências ambientais / ecológicos (ALLEN & DAWE, 2016, p. 1-2, tradução nossa). Ao tocarem e cantarem juntos,

estes músicos não apenas se divertem ou sustentam suas culturas, mas aprendem uns com os outros o afeto pelo ambiente em que vivem e a importância dele para a manutenção das próprias vidas.



Figura 2. Performance da Dança da Tapiraiaúara durante a Festa de São João na comunidade de Santa Maria do Maués-açu.

Para pensar sobre a percepção e valores que estes músicos têm construído sobre o ambiente em que vivem, recorro às reflexões desenvolvidas pela Geografia Humanista através do conceito de topofilia (Tuan, 1974), palavra que vem do grego *topos* = lugar e *philia* = sentimento positivo e expressa o “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 1974, p. 5). O conceito de topofilia elaborado por Yi-Fu Tuan “associa sentimento com lugar” (TUAN, 1974, p. 129) e é construído baseando-se na experiência pessoal. Na concepção deste estudioso, este é um conceito vívido, concreto e difuso pois compreende todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Os laços de afetividade com o ambiente ou o lugar podem variar “profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão”. Uma pessoa pode reagir ao meio ambiente de forma estética (seja no prazer que se tem de uma vista à até a sensação de beleza fugaz) ou de forma tátil através do “deleite ao sentir o ar, a água, a terra” etc. Pessoas também produzem sentimentos sobre lugares que consideram como seu lar ou mesmo o seu meio de ganhar a vida. Na topofilia, o lugar ou o meio ambiente são veículos de acontecimentos emocionais e fortes, podendo ser percebidos também enquanto símbolos (TUAN, 1974, p. 107). Nem sempre, o meio ambiente se apresenta enquanto uma “causa direta da topofilia”, mas fornece “estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais” (TUAN, 1974, p. 129).

A topofilia se relaciona profundamente com as percepções e valores que pessoas criam sobre o ambiente em que vivem e, estes valores e percepções são criados conforme suas experiências e visões de mundo.



Figura 3. Cenário produzido pelos participantes da Tapiraiauaara com material orgânico encontrado na floresta e a reutilização de garrafas-pet.

A Dança da Tapiraiauaara reproduz o ambiente físico e simbólico da comunidade de Santa Maria do Maués-açu. Ao se utilizarem de plantas nativas (folhas da palmeira amazônica “jarazeiro”, muito abundante em ecossistemas de igapó da comunidade) e uma diversidade de material orgânico encontrado nas “matas” (categoria nativa utilizada para denominar as florestas que rodeiam a comunidade) da comunidade para a criação de cenários, os brincantes representam as características físicas da localidade. A reprodução do ambiente físico através dos cenários criados para a dança também promove conhecimentos acerca da fauna e da flora local aos moradores e aos visitantes, o que reforça o sentimento de pertencimento ao local.

Na confecção dos cenários que compõem as apresentações, os brincantes também reutilizam resíduos plásticos, de metal, tecidos, dentre outros, que seriam descartados como lixo na comunidade. Embora pareça uma atitude ingênua por parte dos brincantes, a reutilização de resíduos chama atenção para um problema sério na comunidade em relação ao destino do lixo produzido ali. O lixo plástico tem se proliferado em uma velocidade jamais vista, conforme relatam os moradores e moradoras, invadindo as margens de rio e se espalhando por toda a extensão da comunidade. Por não possuir um programa de descarte e

reutilização do lixo produzido, os habitantes da comunidade tomaram iniciativa de construir um aterro sanitário para dar destino aos resíduos.

Na reprodução do ambiente simbólico de Santa Maria do Maués-açu, atua um repertório musical composto por nove cantigas de autoria de Mestre Ercílio (cantor e compositor da Dança da Tapiraiaçuara) em que são narradas histórias fantásticas de avistamento do animal mítico, bem como, suas características físicas, seu comportamento e seu papel como entidade protetora dos lagos, rios, mananciais e dos ecossistemas de várzea na Amazônia. Mestre Ercílio constrói a narrativa que estrutura o repertório musical a partir de depoimentos e das memórias dos habitantes mais antigos da comunidade de Santa Maria e das comunidades do entorno, que disseram ter avistado a Tapiraiaçuara em algum momento de sua vida. Esses avistamentos geralmente são narrados como experiências de um passado distante, vividas nos tempos “dos antigos”. No repertório mencionado, também se observa um minucioso exercício de percepção ambiental de Mestre Ercílio, que também atua como pescador e, em seus versos, descreve desde técnicas de pescaria até as funções de determinados frutos e vegetais na captura de peixes. A seguir, uma das cantigas de Mestre Ercílio que narram a pesca utilizando o fruto do jauari como isca. A transcrição é de Cleumir Leda, um músico e educador musical de Maués (Graduado em Licenciatura em Música pela Universidade do Estado do Amazonas) que colabora gentilmente com este projeto de pesquisa.

DEBAIXO DO JARAZEIRO

Compositor: Mestre Ercílio

$\text{♩} = 105$



Quan - doeu vou pes - car ____ é de - bai - xo do ja - ra - zei - ro éu - ma pa - lhei -

6
1. ra que tem na bei - ra do rio na bei - ra do rio Eu vou o - lhan - do vou pas -

13
1. san - do por a - li ____ Eu gos - toé de pes - ca - ar é com a fru - ta do jau - a - ri ____

19
2. fru - ta do jau - a - ri ____ Lá a - di - an - te eu ve - joa vi - tó - ria - re - gia

25
é um cer - ra - do que tem lá no a - nin - gal ____ vi - tó - ri - a - ré - gia e - la ____ é de tra - di -

32
1. ção e - la é mui - to fa - mo - sa apa - re - ce na te - le - vi - são na te - le - vi - são

Figura 4. Transcrição de Cleumir Leda, um dos músicos nativos e colaboradores deste projeto de pesquisa.

Os instrumentos musicais utilizados nas performances das cantigas da Tapirauaiara são confeccionados na própria comunidade e em comunidades do entorno. No conjunto musical da Tapiraiuara se tem o banjo como principal instrumento harmônico, o atabaque como instrumento de percussão e a voz de Mestre Ercílio performando o enredo através das cantigas. Por vezes também se admite a inserção de chocalhos fechados ou mesmo a participação de músicos das comunidades do entorno, desde que haja um consenso prévio entre os músicos que já atuam nesta manifestação cultural.



Figura 5. O conjunto musical da Tapiraiaçuara. Da esquerda para a direita: Dival (atabaque), Mestre Zequinha (banjo) e Mestre Ercílio (cantor e compositor).

3. Sobre a Metodologia

Na condição de musicista (performer), desenvolvi nos últimos 10 anos profundas relações afetivas e sonoras com os mestres de cultura popular do município de Maués, a ponto de realizar com estes diversos trabalhos de colaboração artística que vão desde a apresentação de concertos à filmagem de projetos audiovisuais. Através desta relação horizontal construída junto a estes músicos, tenho me unido a eles em suas lutas para salvaguardar seu patrimônio cultural e ambiental. Por isso, optei por um percurso metodológico que me permitisse falar “com” a comunidade e não apenas “sobre” ela. Encontrei na pesquisa-ação colaborativa um conjunto de ferramentas que me permitiram realizar um trabalho junto com estes músicos, envolvendo-os como sujeitos ativos na produção do conhecimento e também sendo envolvida por eles em seus processos. Me inspiraram neste percurso as experiências de Samuel Araújo, Vincenzo Cambria, Laíze Guazina, Luke Lassiter, bem como, a relação de colaboração a longo prazo que Anthony Seeger desenvolveu com o povo Suyá/Kisedjê. Neste percurso metodológico tão particular e repleto de especificidades que acabei decidindo chamar de “ecomusicologia colaborativa”, também me inspiram Lühning & Tugny (2016) a construir junto a estes músicos novas epistemologias a partir do compartilhamento de seus diversos mundos e saberes, de modo a estimular um processo de (re)conhecimento de si mesmos e sua consolidação enquanto protagonistas de suas próprias histórias, lutas e conquistas.

Exemplifico este envolvimento ativo da comunidade como geradora de conhecimento, e não somente um organismo passivo a ser observado e descrito, através de algumas algumas ações diretas que implicam no processo de escrita e análise da pesquisa: 1) a utilização de categorias nativas para descrever todo o fazer musical na dança da Tapiraiauara, por exemplo, as peças musicais são chamadas pelo próprio compositor e pelos músicos de “cantiga” e não “canção”; “Tapiraiauara” também dá nome ao ritmo e ao gênero musical; “Tapiraiauara” é definida por seus participantes a partir da categoria “brincadeira”, que compreende todo o conjunto de performances musicais, dramáticas, de dança e também a produção de cenários.

Contudo, é importante ressaltar que este percurso metodológico consiste em um processo de constante negociação entre a pesquisadora principal e a comunidade co-pesquisadora pois, em alguns momentos, é necessário recorrer a categorias já estabelecidas na literatura musical e antropológica para traduzir esse conjunto de performances simultâneas que ocorrem na Tapiraiauara. Exemplifico aqui a adoção da categoria “dança dramática” conforme a definição de Mario de Andrade, para tipificar a Dança da Tapiraiauara enquanto um conjunto de práticas culturais que têm sua culminância em período junino. Embora a Tapiraiauara já tenha sido citada em Ávila (2016) como dança dramática, decidi recorrer novamente à comunidade para reafirmar esta tipificação. A adoção desta categoria foi reafirmada através de uma reunião com os brincantes, onde expliquei o conceito de Mário de Andrade. Em uma reflexão coletiva, optamos por reafirmar esta tipificação para este estudo.

4. Considerações finais

Maués é um município com patrimônio ambiental mundialmente reconhecido pela grande quantidade de espécies de animais endêmicas, madeiras nobres como o pau-rosa, ipê e minérios como o ouro. Possui ao menos sete áreas públicas de proteção ambiental, além de abrigar a Terra Indígena Andirá-Marau onde vive a etnia Sateré-Mawé, e tem sido alvo constante de atividades ilegais de extração de madeira, garimpo e pesca de arrastão, além de grilagem de terras.

O fazer musical na Dança da Tapiraiauara além de realizar uma ecocrítica da localidade onde é performado, evidencia a construção de valores ambientais e o sentimento de pertencimento ao lugar como potencializador de identidades, articulando resistências e re-existências através de atividades sonoras em um cenário de constante destruição da biodiversidade e de profundas ameaças aos jeitos de viver em sinergia com a natureza.

A adoção de um percurso metodológico que posiciona “pesquisadora” e “pesquisados” em uma produção de conhecimento horizontal tem se mostrado como uma proposta bastante potente e promissora, especialmente na revitalização de práticas culturais em comunidades do interior da Amazônia, pois, envolve não só os participantes destas práticas, mas todos os habitantes ainda que de forma indireta. Ao perceberem que seu fazer musical e sua cultura são objetos de interesse por “pessoas de fora”, estes artistas da floresta compreendem a importância de suas mensagens para o mundo, assumindo cada vez mais o protagonismo em seus processos. Isto reforça o papel revolucionário que a pesquisa musical colaborativa pode ter em pequenas comunidades da Amazônia e do Brasil profundo, cujas culturas muitas vezes são julgadas como produtos de menor valor estético, uma vez que estão fora do circuito da indústria cultural do mundo capitalista.

Referências

- ACOSTA, Maria. ÁLVAREZ, Sérgio. El ruido de Tapira. In: ACOSTA, Maria. ÁLVAREZ, Sérgio. *Cuentos y leyendas de America Latina*. Océano: Barcelona, 2006.
- ALLEN, Aaron S. DAWES, Kevin. Ecomusicologies. In: *Current Directions in Ecomusicology*. Taylor & Francis: New York, 2016.
- ANDRADE, Mário de. *Danças Dramáticas do Brasil* (1º Tomo). Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. 23-93 p.
- ARAÚJO, Samuel. *A violência como conceito na pesquisa musical: reflexões sobre uma experiência dialógica na Maré*, Rio de Janeiro. Trans. Revista Transcultural de Música, n. 10, 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=82201007>>. Acesso em: 13 de maio de 2018.
- ÁVILA, Cristian Pio. *Os argonautas do Baixo Amazonas*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, 2016. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5417>> Acesso em: 20 de junho de 2017.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Global: Rio de Janeiro, 2012.
- CAMBRIA, Vincenzo. FONSECA, Edilberto. GUAZINA, Laíze. “Com as pessoas”: Reflexões sobre colaboração e perspectivas de pesquisa participativa na etnomusicologia brasileira. In: LÜHNING, Angela. TUGNY, Rosângela Pereira. *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2016. 95-137 p.
- LÜHNING, Angela *et al.* Desafios da etnomusicologia no Brasil. In: LÜHNING, Angela. TUGNY, Rosângela Pereira. *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2016. 47-91 p.
- LÜHNING, Angela. TUGNY, Rosângela Pereira. Etnomusicologia no Brasil: reflexões introdutórias. In: LÜHNING, Angela. TUGNY, Rosângela Pereira. *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2016. 23-45 p.
- SOUZA, Adeilso Oliveira. Entrevista a xxxxx. Comunidade de Santa Maria do Maués-açu, 12 jul 2018. Vídeo. 29 min 27s. Não publicada.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. DIFEL. São Paulo, 1974.



YAMÃ, Yaguarê. *SEHAYPÓRI*: o livro sagrado do povo sateré-mawé. Peirópolis: São Paulo, 2019.